

POR UMA CARTOGRAFIA FANTÁSTICA

as representações do “não mundano”

Rafael da Silva Nunesⁱ

Doutorando em Geografia
Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo

O presente artigo busca investigar as possibilidades acerca das representações cartográficas de “mundos fantásticos”. Estes mundos, que emergem da literatura /dramaturgia, tornam-se passíveis de serem representados espacialmente a partir da capacidade de discurso do narrador e da narrativa que se estabelece ao longo da trama apresentada. Esta trama, por sua vez, quando lida, se realiza através do leitor, que a representa de maneira única e intransferível. No entanto, há de se destacar, que apesar da experiência individual da representação, a mesma pode também ser compartilhada entre múltiplos interessados, tornando-se desta forma um produto associado ao imaginário coletivo. Assim, propõe-se, a partir desta consideração inicial, avaliar como o imaginário é capaz de se materializar cartograficamente a partir dos limites do que se entende por realidade. Partindo-se destas considerações, toma-se como estudo de caso, a cidade de Gotham do Universo da DC Comics baseado na série “Terra de Ninguém”, onde a representação cartográfica da cidade contribui para a percepção espacial dos acontecimentos apontados na narrativa.

Palavras-chave: cartografia fantástica; representação; imaginário.

FOR A FANTASTIC CARTOGRAPHY: REPRESENTATIONS OF THE ‘NON MUNDANE’

Abstract

The present article seeks to investigate the possibilities of cartographic representations of ‘fantastic worlds’. These worlds, which emerge from literature/drama, become enabled of being spatially represented from the narrator's speech capability and also the narrative established along the displayed plot. This plot, in turn, when read, realizes itself through the reader, who represents it in a unique and non-transferable way. However, it's important to point out that, despite the individual experience of representation, it can also be shared among multiple interested parties, becoming a product associated to the collective imaginary. Therefore, the purpose, from this initial consideration, is to evaluate how the imaginary is able to materialize cartographically from the understanding of the boundaries of what we understand as reality. With these considerations as a starting point, Gotham City in the DC Comics Universe, as portrayed on the series ‘No

ⁱ *Endereço institucional:*

Rua Marquês de São Vicente, n. 225. Edifício da Amizade, ala Frings, sl. F411. Gávea. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 22451-900.

Endereço eletrônico:

rsngeo@hotmail.com

Man's Land', becomes the case study, where the cartographic representation of the city contributes to spatial perception of the events indicated in the narrative.

Keywords: fantastic cartography; representation; imagination.

Além das representações objetivas

Quando nos deparamos com uma representação (qualquer que ela seja) devemos entendê-la como um espectro do que é, ou seja, como uma imagem errática e “mal acabada” daquilo que ela em essência é. Ser, portanto, é único e incapaz de ser representado em sua totalidade. Assim, qualquer que seja o objeto representado, por mais complexa (e “completa”) que seja esta tentativa de representação, jamais conseguirá dar conta da totalidade do que se entende pelo objeto real. Isto ocorre simplesmente porque a representação não é (e não consegue ser) aquilo que é. Makowiecky (2003, p. 4) , ao discutir a multiplicidade de percepções que a representação assume, aponta que independente do momento histórico-científico em que se observa o que é a representação (ausência ou presença) deve-se entender a mesma como um “processo pelo qual institui-se um representante que, em certo contexto limitado, tomará o lugar de quem representa”. Este contexto limitado significa justamente a não totalidade daquilo que em essência a representação tenta ser.

Entretanto, a mesma não perde sua validade de tentar ser (representação). Assim, por mais imperfeitas que as mesmas possam ser (ainda que não sejam reconhecidas por diferentes sujeitos) elas possuem sua importância por, em essência, representar. Daí, depreende-se que qualquer representação torna-se válida.

Lucas (1995, p. 13), discute que para a filosofia o conceito de representação é múltiplo e varia bastante de acordo com cada corrente filosófica adotada. No entanto, elas resumem-se, em um quadro geral, a dois aspectos: o da objetividade e o da subjetividade. De acordo com o autor,

Do ponto de vista da subjetividade a representação está ligada a maneira pela qual o conteúdo dos objetos pensados são representados ao espírito, neste sentido, a noção de representação está ligada a certos processos cognitivos relacionados com, a percepção, a imaginação, o julgamento etc. Na perspectiva da objetividade a representação está relacionada sobretudo à

capacidade das nossas mentes em tornar presente um objeto do pensamento por intermédio de símbolos. (LUCAS, 1995, p. 13)

Quando se pensa sobre a cartografia per se, nos aproximamos da ideia da perspectiva objetiva da representação, ou seja, entende-se a adoção de uma série de símbolos e referências (vinculadas aos diversos elementos cartográficos) para que se torne possível estabelecer uma relação direta entre representante (mapa) e representado (mundo). Por exemplo, pode-se estabelecer aqui o que comumente entende-se como convenções cartográficas, pois esta ajuda, através da adoção de símbolos básicos a estabelecer a conexão entre o representante e o representado.

O documento Noções Básicas da Cartografia (IBGE, 1999, p.67) abre espaço para esta questão ao apresentar o fator associativo da representação no mapa. Esta associação baseia-se na capacidade do observador de associar e relacionar os elementos e símbolos do representante e representado, ou seja, os símbolos devem “sugerir a aparência do assunto como este é visto pelo observador, no terreno”. Neste sentido, a hidrografia passa a ser caracterizada pela cor azul, a vegetação pela cor verde, e assim sucessivamente.

Tabela 1: Comparativo dos descritivos e associação das representações – Fonte: IBGE (1999)

Descrição da normatização das representações	Exemplos
<p>“A representação dos elementos hidrográficos é feita, sempre que possível, associando-se esses elementos à símbolos que caracterizem a água, tendo sido o azul a cor escolhida para representar a hidrografia, alagados (mangue, brejo e área sujeita à inundação), etc.” (IBGE, 1999, p. 68)</p>	 <p>ELEMENTOS DE HIDROGRAFIA</p> <ul style="list-style-type: none"> Curso d'água intermitente Lago ou lagoa intermitente Terreno sujeito a inundação Brejo ou pântano Poco (água). Nascente Rápidos e cachoeiras grandes Rápidos e cachoeiras Roche submersa e descoberto Molhe e represa: alvenaria e terra Ancoradouro: Rio seco ou de aluvião Facile rochoso
<p>Como não poderia deixar de ser, a cor verde é universalmente usada para representar a cobertura vegetal do solo. Na folha 1:50.000 por exemplo, as matas e florestas são representadas pelo verde claro. O cerrado e caatinga, o verde reticulado, e as culturas permanentes e tempo-rárias, outro tipo de simbologia, com toque figurativo (IBGE, 1999, p. 68).</p>	 <p>ELEMENTOS DE VEGETAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> Mata, floresta, Cerrado, macega, caatinga Culturas: permanente, temporária Mangue: Salina Arrozal: terreno seco, úmido

Ao analisar mais a fundo o produto final cartográfico, podemos nos questionar se o mapa é esgotado sob a perspectiva objetiva da representação. Isto é, será possível ir além da perspectiva objetiva do mapa, buscando correlacionar formas

e/ou símbolos com sentimentos, percepções e com o imaginário? Nesse sentido, o mapa passaria então, não apenas a informar o leitor, mas a “sentimentalizá-lo” e até mesmo emocioná-lo. Ora, a Cartografia enquanto arte e técnica pode (e deve) explorar as perspectivas objetivas e subjetivas da representação. A representação dos medos, dos sonhos, do ódio, do orgulho, pode incutir no leitor uma série de novas representações do que se conhece por real. Aqui, pode-se tomar como exemplo, os mapas criminais. A partir da distribuição e identificação de padrões criminais em determinado recorte, pode-se, obrigatoriamente, associar esta representação com o sentimento do medo. Isto por sua vez garante uma nova perspectiva ao produto cartográfico, levando o leitor/usuário do mapa a perceber o espaço geográfico de maneira complexa e sinérgica.

Desta maneira, entende-se que a representação não se encerra nela mesma. Ela é singular (e múltipla) para diferentes usuários e leitores. Varia nas diferentes temporalidades intra e interpessoais a medida que pode ser modificada pelo seu próprio entendimento. A Cartografia pode então ser (re)pensada buscando explorar o que vai além do físico, tornando-se portanto, fluida.

O aporte do imaginário e a Geografia

Partindo-se do pressuposto de que a Cartografia, enquanto arte e técnica busca trabalhar com a representação da realidade, podemos nos indagar sobre o seu papel na construção do imaginário. Júnior (2001) apresenta uma importante discussão sobre como a Geografia Cultural ao longo da história sofreu críticas em relação à racionalidade iluminista. Na perspectiva iluminista, não há espaço para subjetivismos e discussões romantizadas, tendo em vista que a racionalidade crítica e a centralidade científica se relacionam e definem o que é e o que não é ciência. Desta forma, a imaginação e o aporte do imaginário na Geografia passaria a ser relegado como uma “não ciência”. Porém, o referido autor aponta que apesar desta visão da perspectiva cultural ser duramente criticada até os dias atuais, a Geografia Cultural ressurge como uma importante etapa no processo de revitalização científica, promovendo o surgimento de novas ideias e concepções acerca da sociedade e seu espaço de vida.

A Geografia em seu trajeto como disciplina acadêmica assim como as demais ciências sociais esteve encarcerada na “sombria” razão iluminista. Entretanto por privilegiar a razão como única fonte de conhecimento, desprezava-se toda tentativa de romantismo ou pensamento irracional que aflorasse. (...) A ruptura com os parâmetros da razão pura fez surgir a possibilidade de contemplar os estudos sobre a imaginação, a poética espacial, bem como os sentidos que os lugares adquirem para uma determinada sociedade. (...) A Geografia Humanística com os estudos na área da Geografia Cultural esquadrinhou com propriedade as novas propostas de abordagem, sobretudo no que concerne ao espaço geográfico enquanto espaço de vivência dotado evidentemente de sua carga subjetiva. (JÚNIOR, 2001)

Um dos principais instrumentos de análise do geógrafo, que busca adotar o espaço geográfico como palco da realização humana, é o mapa. Este instrumento propiciou a avaliação, leitura através de representações do espaço de vida do homem ao longo de grande parte da história, debruçando-se sobre a perspectiva iluminista apontada anteriormente. As premissas de mapeamentos se baseavam única e exclusivamente sobre as regras de proporcionalidade, convencionados e sistematizados em coordenadas específicas. Ao aproximarmos-nos do viés da Geografia Cultural, onde o imaginário pode ser explorado e valorizado pela própria Geografia, torna-se de suma importância avaliar a possibilidade de se identificar mecanismos que garantam a representação do imaginário a partir da perspectiva espacial. Ora, a imaginação, por advir de um imaginário (construído individualmente/coletivamente) também é geográfico. De acordo com Castro (1997 apud JÚNIOR, 2001, sem paginação), “todo imaginário social é também um imaginário geográfico, porque, embora fruto de um atributo humano – a imaginação – é alimentado pelos atributos espaciais não havendo como dissociá-los”. Assim, baseado nessa relação, constrói-se a possibilidade de explorar o imaginário a partir de uma perspectiva espacial. Um dos exemplos que contribuem para esta tentativa são os mapas mentais.

Archela, Gratão e Trostdorf (2004), ao relacionarem a importância dos mapas mentais a partir de diferentes abordagens, salientam que os mesmos são sempre representações do vivido. Este vivido, por sua vez, repousa sob o entendimento das múltiplas relações percebidas, imaginadas e criadas por parte do seu produtor. Conforme salientado anteriormente, este constructo se estabelece, antes de mais nada, na mente de cada ser. Uma primeira aproximação pode ser feita com o que se entende por mapas mentais. De acordo com as autoras (2004, p. 127), mapas mentais são

imagens espaciais que as pessoas têm de lugares conhecidos, direta ou indiretamente. As representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido no cotidiano, como por exemplo, os lugares construídos do presente ou do passado; de localidades espaciais distantes, ou ainda, formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos divulgados nos meios de comunicação.

Os mapas mentais passam a se estabelecer como seleções (priorizadas e ordenadas a partir do entendimento pessoal do fenômeno, processo ou estrutura estudada) pessoais que podem ser (re)construídas ao longo do tempo e do espaço. Parte-se, inicialmente, da materialização do pessoal para o coletivo. Este último passa a compreender (e imaginar) o espaço geográfico sob os olhares do seu “criador”. O leitor passa então a construir sua própria representação tendo-se por base a ideia daquilo que foi apresentado inicialmente. Desta forma, a experiência pessoal é compartilhada por outros indivíduos, que passam a perceber a realidade imaginária e entendê-la, possibilitando a sua (re)construção a partir de uma série de novas construções.

Carvalho e Araújo (2009) ao apresentar diferentes autores como Yi-Fu-Tuan e Kozel, demonstram diferentes entendimentos (e até mesmo funções) vinculados aos mapas mentais. Ideias como praticidade e imaginação, realidade e fantasia são contrapostas, quando na verdade poderiam ser facilmente relacionadas, tendo em vista que a o mundo fantástico é criado e estabelecido a partir da realidade, sendo portanto, em parte, realidade.

É interessante notar, conforme apresentam os autores supracitados (CARVALHO; ARAÚJO, 2009) quando discutem as ideias de Pinheiro (2005), que qualquer mapeamento, independentemente do aparato técnico-científico sob o qual o mesmo é produzido, deve ser encarado como abstração da realidade. Esta abstração fundamenta-se na subjetividade (valores, cultura, construções, entre outras variáveis) ao qual o produtor do mapeamento está inserido.

Para ele, os “mapas cartográficos são necessariamente mapas mentais”, uma vez que mesmo elaborados a partir de uma base técnico-científica, não deixam de ser abstrações da realidade. E na condição de abstrações, sofrem a influência dos sistemas de valores dos seus autores (e das instituições que representam) de suas experiências, filtros culturais e visões de mundo. Portanto, mesmo hoje, quando é possível se fazer uso de modernos recursos tecnológicos, os mapas “cartográficos”, ou seja, os mapas sistemáticos dos lugares, produzidos digitalmente e com auxílio das técnicas do sensoriamento remoto, representando de maneira “fiel” o terreno, não

deixam de ser mapas mentais, por serem representações e não realidade (CARVALHO; ARAÚJO, 2009, p. 7)

Uma vez mais esta ideia vai ao encontro do que é defendido no presente trabalho. Qualquer representação baseia-se, não na realidade, mas no conceito/ideia daquilo que se quer representar. Portanto, a extrapolação do entendimento de que a cartografização do mundo real remete à Geografia deve ser realizada. Corre-se o risco, ao não o fazer, de que a Geografia passe a ignorar possíveis “novas/outras” realidades que compõe o cotidiano.

Um dos autores que contribui de maneira crucial para esta abertura de perspectivas é Ítalo Calvino. Apesar de seu livro *Cidades Invisíveis* (2003) ser considerado um romance, o autor explora através da linguagem, a construção de inúmeras cidades que se estabelecem fora do plano mundano (ou em outras palavras, “real”). Apesar de serem consideradas “irreais”, estas cidades são descritas e caracterizadas de maneira a apresentar ao leitor um memorial descritivo de cada peculiaridade, tornando-as constructos no imaginário de cada pessoa. Exploram-se formas, geometrias, padrões, personagens e histórias que habilitam a experiência de sensações diversas para aquele que lê (e por consequência imagina). Sensações são experimentadas e criadas, buscando explorar não apenas a relação cartográfica, mas relacionando-as com outros sentidos humanos. Isto pode ser claramente percebido a partir da descrição que o autor faz sobre a cidade de Leônia.

Nas calçadas, envoltos em límpidos sacos plásticos, os restos de Leônia de ontem aguardam a carroça do lixeiro. Não só os tubos retorcidos de pasta de dente, lâmpadas queimadas, jornais, recipientes, materiais de embalagem, mas também aquecedores, enciclopédias, pianos, aparelhos de jantar de porcelana: mais do que pelas coisas que todos os dias são fabricadas vendidas compradas, a opulência de Leônia se mede pelas coisas que todos os dias são jogadas fora. (...) A imundície de Leônia pouco a pouco invadiria o mundo e o imenso depósito de lixo não fosse comprimido, do lado de lá de sua cumeeira, por depósitos de lixo de outras cidades que também repelem para longe montanhas de detritos. Talvez o mundo inteiro, além dos confins de Leônia, seja recoberto por crateras de imundície, cada uma com uma metrópole no centro em ininterrupta erupção. Os confins entre cidades desconhecidas e inimigas são bastiões infectados em que os detritos de uma e de outra escoram-se reciprocamente, superam-se e misturam-se. (CALVINO, 2003, p. 49)

A partir da leitura (ainda que resumida), sugere-se o entendimento dos padrões construtivos da cidade. Os padrões de ocupação se estabelecem de maneira a imaginar relações territoriais e até mesmo possíveis conflitos que se estabelecem a

partir das relações das práticas cotidianas. Imagina-se a perspectiva topográfica, aos riscos expostos (associados ao risco sanitário, ou da ocorrência de movimentos de massa, por exemplo), ao cheiro, ao tato do perambular pelas ruas. Cartografa-se, na mente humana, a cidade que não existe. Reitera-se uma vez mais a perspectiva de que as representações desta mesma cidade são distintas para cada um daqueles que se debruçam sobre o texto. Há de se destacar que todas as formas de enxergar (e portanto, as representações criadas pelos leitores, ainda que mentalmente) são corretas, pois as experiências da leitura e da imaginação são únicas e intransferíveis¹. Retoma-se, portanto, a força dos mapas mentais como ferramenta de construção da realidade, já que os mesmos iniciam-se como representações de uma realidade que se estabelece no indivíduo e que pode (ou não) ser compartilhada coletivamente.

Júnior (2001), ao abordar a necessidade dos geógrafos caminharem em direção a uma Geografia do Imaginário (como o próprio autor aponta), salienta que qualquer processo de construção “não palpável que se fixam no inconsciente coletivo” passa a representar símbolos (ou representações) de algo construído socialmente, refletindo-se desta maneira em uma representação da realidade que passa a ser compartilhada.

Sob este prisma, considera-se, notadamente, a possibilidade de uma construção coletiva pautada sobre uma realidade coletiva (ainda que esta não se configure como física). Devemos, entretanto, fortalecer esta ideia de que o vivido não necessariamente está repousado apenas a partir das relações cotidianas associadas ao espaço físico (mundano), mas também ao mundo dos sonhos e da criação. As relações que se estabelecem no espaço vivido, por exemplo, para um leitor de ficção que reconhece as aventuras de um dado herói em determinado recorte, torna a ficção viva, permitindo assim o estabelecimento direto da ficção na realidade, e vice-versa. A ficção é a materialização do sonho na realidade, tornando-se por consequência, real. Assim, a realidade física passa a se renovar, construindo-se (e destruindo-se) a cada momento, e, desta forma, permitindo a infinitude de representações.

Na medida em que o homem passa a utilizar sua capacidade imaginativa metaforicamente, a partir de suas interações com o mundo real, ele passa

¹ Ainda que as primeiras apreensões sirvam para que se criem novas experiências a partir das trocas de ideias entre diferentes ideias advindas de diferentes leitores.

também a criar seu imaginário - na verdade trata-se de uma visão ou visões de mundo. Vivemos em um mundo dotado de imagens não somente visuais, mas também mentais. As representações do mundo feitas pelos homens refletem os seus valores e escolhas em um dado momento da existência, o que incide sobre o caráter subjetivo da imaginação, bem como do imaginário (JÚNIOR, 2001)

É exatamente aí que a ficção (ou imaginário) passa a se relacionar proficuamente com a realidade, tornando-se uma. Inúmeros exemplos podem ser citados desta relação, sejam eles associados à literatura ou à dramaturgia. Um destes exemplos pode ser observado na cidade de Filadélfia (Estados Unidos). O personagem² Rocky Balboa, cuja uma das passagens mais marcantes representando a superação e esforço dos treinos sobe a escadaria do Museu de Artes da Filadélfia, atualmente possui uma estátua de bronze (com aproximadamente 3 metros de altura) alocada na parte baixa da mesma escadaria. Este local atualmente é considerado um importante ponto turístico da cidade.



Figura 1: Cena do filme “Rocky I” e a estátua instalada nas proximidades do Museu das Artes da Filadélfia

Evidentemente, que as ideias até então expostas permitem que se estabeleça uma relação direta entre o que se entende por mundo real e o mundo imaginário. Este mundo imaginário encontra na literatura um espaço inesgotável de representações que garantem a imaginação fluida por parte do leitor. Neste ambiente, a adoção de cenários que comportem a existência de estruturas tais como: avenidas, ruas, becos, vielas e estradas, edifícios, arranha-céus, praças, parques, fontes, delegacias de polícia, corpos de bombeiros, hospitais, presídios e afins, garantem a possibilidade de exploração de uma série de contos e narrativas que fazem uso destes espaços. Constrói-se, portanto, um mundo imaginário que carrega para si aquilo que se entende por real.

² Personagem protagonista dos filmes Rocky (1976), Rocky II (1979), Rocky III (1982), Rocky IV (1985), Rocky V (1990), Rocky Balboa (2006), e co-protagonista do filme Creed (2015).

Para nós, portanto, ficção e realidade se imbricam no discurso ficcional e realizam-se em um espaço real-fictício, como bem nos diz Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro: Em verdade, toda uma trama, um enredo que se desenrola sobre uma cena, tudo que é narrado num romance, acontece ("tem lugar") num continuum espacial mais ou menos definido, e a participação do leitor – que não é totalmente passiva como na leitura jornalística – tende a identificá-la a uma realidade concreta, ou seja, "geográfica". Mas, em tanto que na criação artística, ficcional, haverá, forçosamente, um "espaço artístico" que não pode ser reduzido aos limites estreitos de uma paisagem real. A imbricação da ficção com a realidade, neste caso, além de instaurar-se mediante a estética que perpassa o discurso, intencionalmente fictício, ainda cede espaço à perspectiva do leitor. (FERNANDES, 2012)

Explorar-se-á, no presente artigo, a possibilidade da realização de uma Cartografia (chamada aqui de Cartografia Fantástica) que contribua diretamente para a identificação e concretização deste espaço real-fictício. Para atingir tal objetivo, adotar-se-á como objeto de estudo a cidade de Gotham City (Universo DC) como exemplificação das possibilidades de representações fantásticas a partir do que é retratado nas histórias em quadrinho (HQs).

A materialização do não mundano: Gotham City

Atualmente, uma das mídias mais exploradas e consumidas na literatura refere-se às histórias em quadrinho. No entanto, apesar do caráter moderno associado às mesmas, muitos autores apresentam que as HQs à muito se estabelecem como uma tipologia de mídia literária. Alguns inclusive apontam que apesar das histórias terem se iniciado na década de 30 do século XIX (no Japão e Europa), discute-se que as narrativas ilustradas são muito mais antigas, tendo algumas se estabelecido no século I (ainda que sob outras tipologias formas³).

Desde então múltiplos personagens passaram a serem representados em ambientes conhecidos (ou desconhecidos), buscando retratar a nossa própria realidade ou mundos diversos, valorizando no entanto, sempre a relação espacial.. Um dos personagens mais icônicos que se pode citar refere-se ao Batman (personagem este criado pelo desenhista Bob Kane no ano de 1939⁴). A saga do herói se desenrola em Gotham City, cidade "fictícia" dos Estados Unidos, na qual após ser testemunha ocular do assassinato de seus pais, o herói, ainda criança, passa a herdar a fortuna da

³ Coluna de Trajano, datado do ano 113 DC.

⁴ Apesar de serem dados créditos ao desenhista, diverge-se em muitos casos sobre a origem do personagem.

família Wayne sendo criado pelo mordomo Alfred Pennyworth. Jurando vingar a morte dos seus pais contra criminosos que ceifaram a vida de inocentes, Bruce Wayne (nome atribuído à pessoa física) passa a combater qualquer tipo de crime associado à Gotham.

Assim, acompanhado do personagem, toda uma ambientação foi desenvolvida para que a relação personagem/trama se tornasse simbiótica, ou seja, a cidade (no caso Gotham) passa a necessitar de um redentor, que ao mesmo tempo se realiza nela. Seguindo a tendência e a necessidade de busca por um maior aprofundamento da trama, Gotham inicia seu processo de criação cartográfica a partir de uma solicitação da DC Comics para que a cidade seja representada, e assim, criar no imaginário do leitor, um espaço de ação do personagem. Até então, a cidade já conhecida era apresentada apenas através de ações e histórias “não reais” de um personagem de ficção.

Visando contextualizar a trama “*No Man’s Land*”⁵, de 1998, Elliot Brown, atendendo ao chamado de Denny O’Neill, passa a ser o responsável pela cartografização do ambiente fantástico. Neste momento, Gotham passa a ser representada em um mapa oficial. Nas palavras do criador cartográfico da cidade de Gotham (BROWN, [entre 1998 e 2015], sem paginação, tradução nossa):

Um mapa de Gotham City foi necessário para mostrar uma versão indeterminada da situação. [...] Então, a cidade de Gotham do Batman era pra ser uma ilha. Esta foi a forma que o Governo Federal poderia dinamitar as pontes e os túneis, de modo a isolar a ilha do continente. Isso poderia manter a panela de pressão deste enorme pátio de criminosos, forçando drama, ethos e pathos (e o outro Musquiteiro de quem nunca me lembro...) trazido para os cidadãos inocentes restantes tentando sobreviver.

Trazendo esta realidade para a nossa discussão geográfica, pode-se então traçar paralelos com a realidade de maneira a pensar hipóteses que repercutam sobre a nossa realidade.

Os editores da DC Comics deixaram claro que Gotham City era uma versão idealizada de Manhattan. Como a grande maioria das construções das revistas em quadrinho, deviam ser feitas muitas coisas. Era preciso sofisticação e um lado obscuro. (...) Em suma toda Manhattan e o Brooklyn estavam colocadas em uma.... Bem, em um bom layout de página. (BROWN, [entre 1998 e 2015], sem paginação, tradução nossa)

⁵ Tradução livre: “Terra de Ningém”.

A citação acima demonstra que as inspirações de Gotham e de Manhattan tornam-se sincrônicas à medida que a primeira é a representação (ainda que errática, transfigurada, inspirada) da segunda. Ora, observa-se uma vez mais a capacidade entre representante e representado ser transfigurado, e possuir, portanto, rastros da realidade palpável. Inclusive, pode-se abrir um parêntese, que o autor do mapeamento relata que vários dos pontos de referência da cidade de Nova York são reconhecíveis. No entanto, devido à história particular de cada cidade, apesar das referências, os leitores não poderão relacioná-las em sua completude. Isto ocorre devido à modificação da nomenclatura e forma de apresentação, o que não invalida a relação representante/representado. Alguns destes elementos, entretanto, são mais facilmente identificáveis, como por exemplo: a Union Square, Central Park e Savoy Plaza Hotel (ainda que o hotel atualmente não exista mais na cidade).



Figura 2: Elementos representados na cidade de Gotham City e que fazem (ou fizeram) parte da história da cidade de Nova York – (a) Savoy Plaza Hotel; (b) Union Square; (c) Central Park.

É interessante notar que o autor do mapeamento apresenta inúmeras fases do processo de construção cartográfica. O produto desenvolvido a partir dos relatos de Elliot Brown apresenta como o mapeamento foi construído de maneira coletiva, buscando respeitar a trama (definida pelos criadores da novela gráfica) e, ao mesmo tempo, permitindo a criatividade espacial do autor do mapeamento. Percebe-se assim a construção coletiva de um espaço ficcional representado nas figuras da página a seguir.

Com essa representação, por exemplo, permite-se sumariamente aos leitores da série, reconhecerem e trazerem paralelos espaciais sobre o seu espaço vivido e o cotidiano estabelecido na própria trama. Ora, as relações criadas no imaginário podem ser percebidas, portanto sob o constructo que se estabelece como cidade “real”.

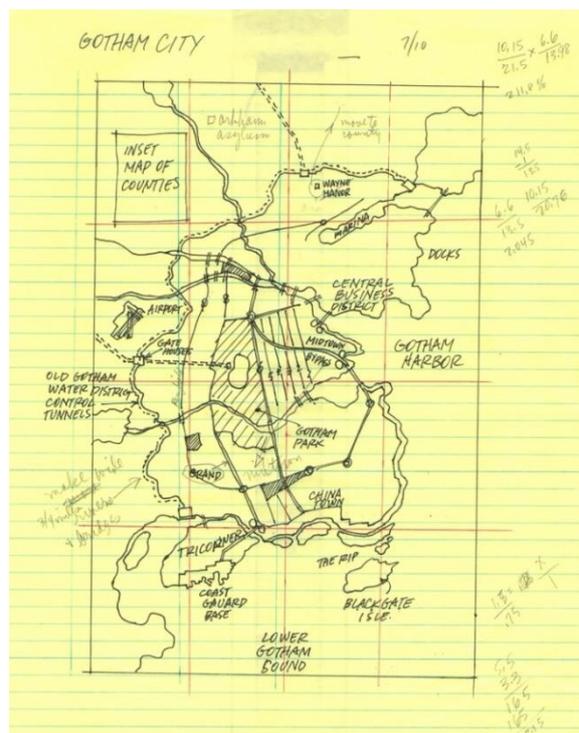
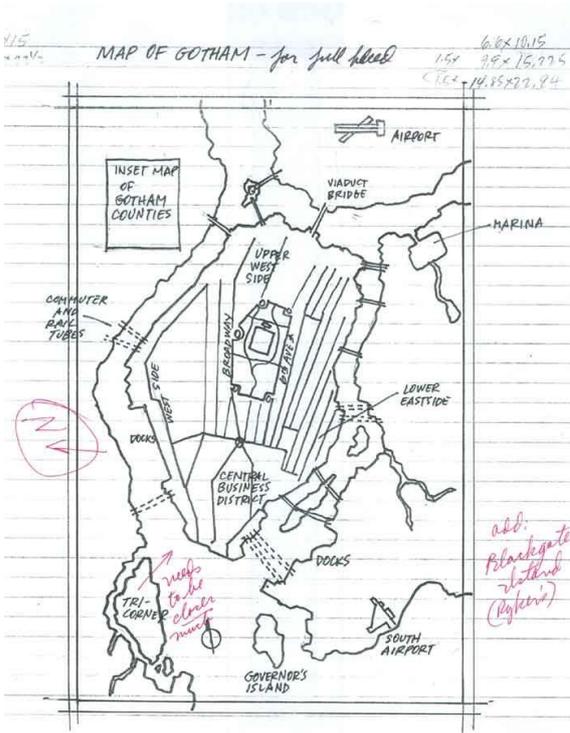
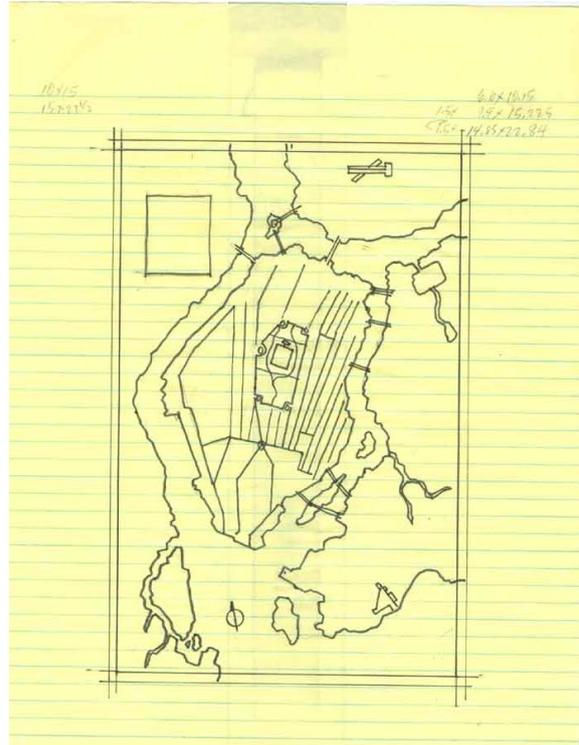
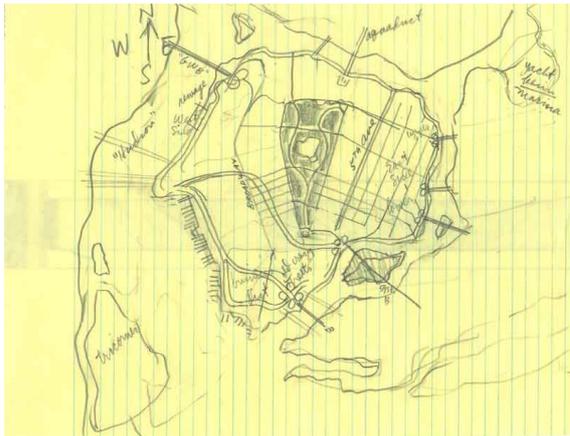


Figura 3: Resultantes do processo criativo de construção do mapeamento de Gotham City – Fonte: Brown ([entre 1998 e 2015]).

Como produto final da representação, observa-se o mapeamento de Gotham elaborado pelo autor.

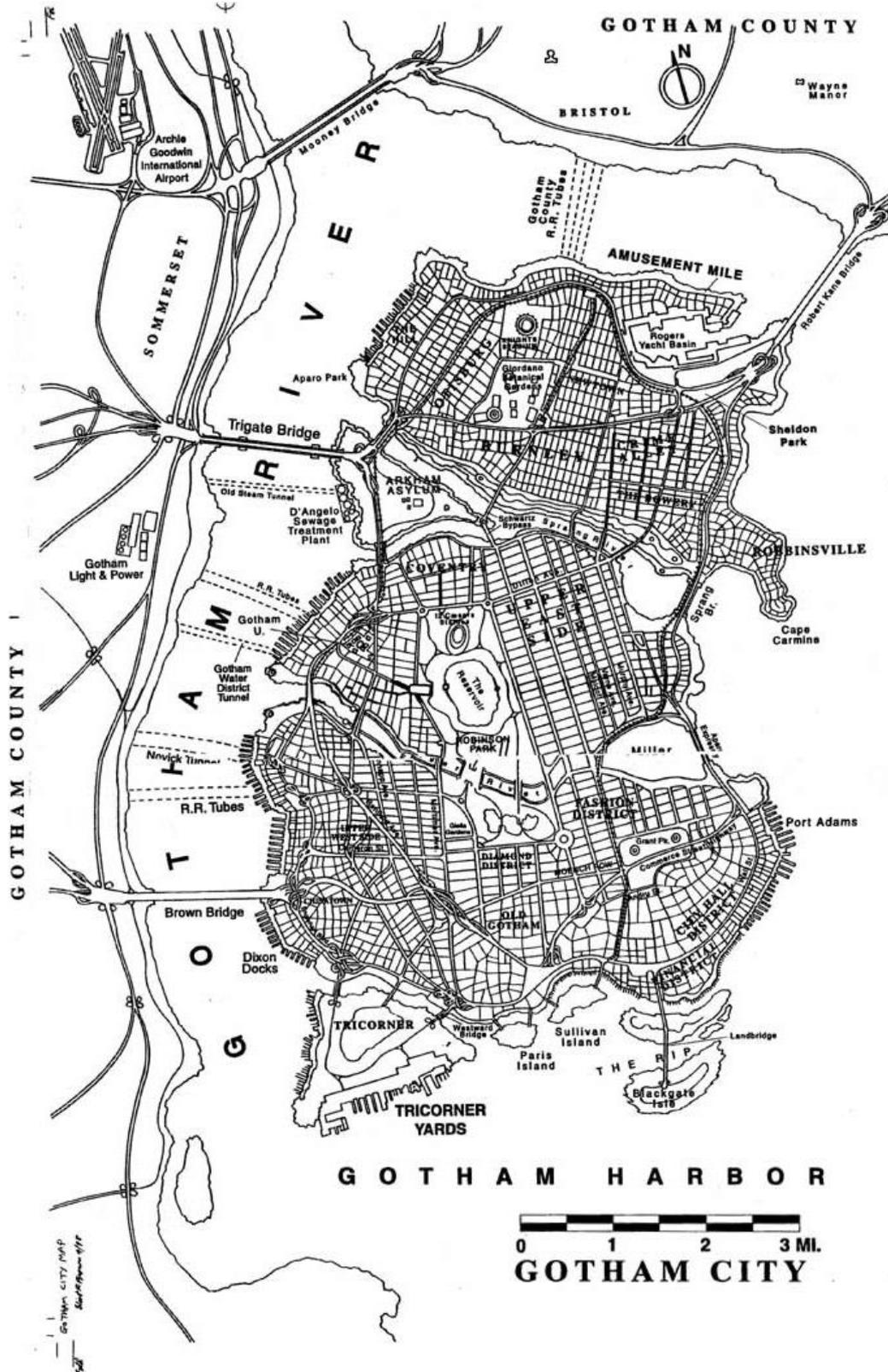


Figura 4: Mapeamento final desenvolvido por Eliot Brown – Fonte: Brown ([entre 1998 e 2015]).

Desenrola-se ainda, a partir do mapeamento inicial traçado, uma série de outras representações sobre o universo do herói que buscam retratar de maneira ainda

mais fina as diversas tramas que se estabelecem no recorte analisado. Um destes exemplos repousa sobre a territorialidade das múltiplas gangues ao longo da série “No Man’s Land”. Ao longo desta novela gráfica e do sumiço do herói, uma crise sem precedentes passa a ocorrer na cidade levando ao surgimento e disputa de diversas gangues que passam a se estabelecer na cidade. Esta territorialidade é fluida no tempo, fazendo com que inclusive o protagonista participe da demarcação territorial utilizando seu próprio símbolo como marca na paisagem. Na figura a seguir, apresenta-se como o mapa de Gotham elaborado contribui para a identificação da dinâmica territorial das múltiplas gangues na cidade.

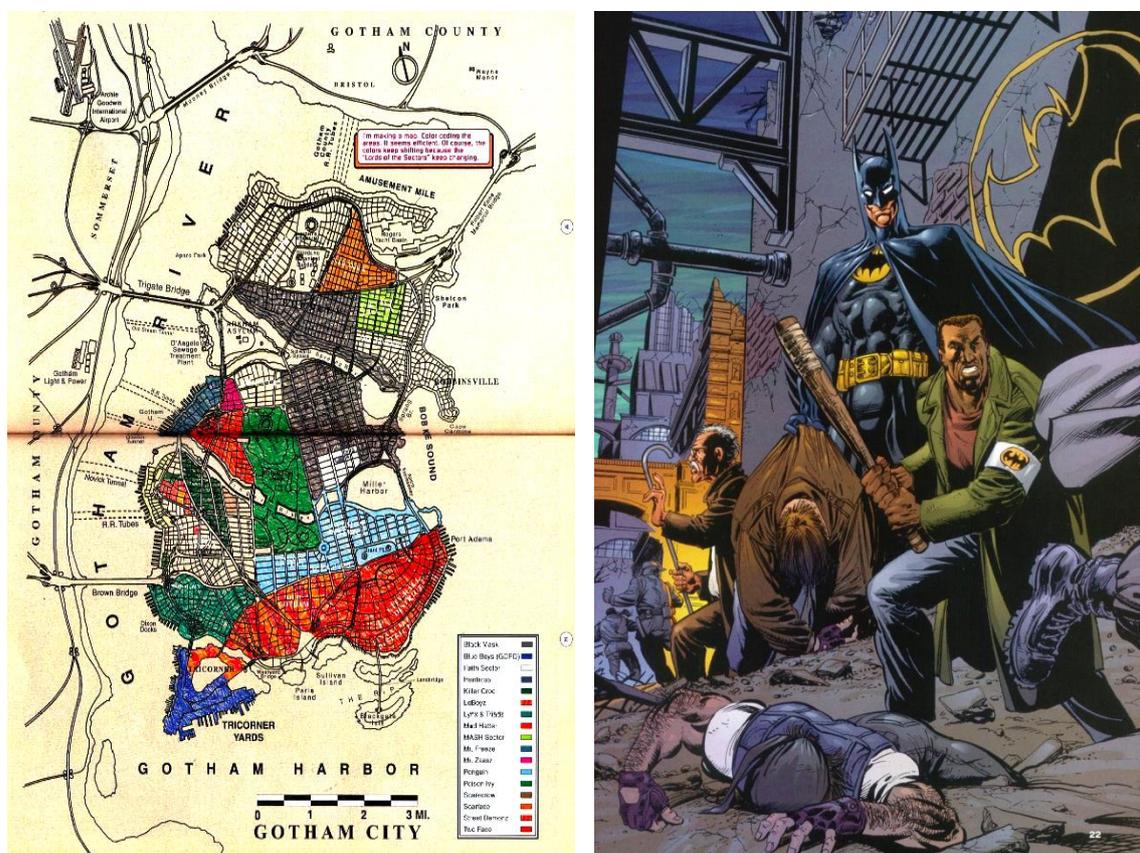


Figura 5: Representação dos territórios estabelecidos em Gotham City e representação de símbolos como demarcações territoriais durante a saga “Terra de Ninguém”

O mapa apresentado contribui para o estabelecimento e o entendimento das relações de poder que se estabelecem e se desenrolam ao longo da trama, contribuindo para a percepção das múltiplas relações que se estabelecem espacialmente. O leitor, desta forma, acompanha e avalia os eventos relacionados a partir de uma perspectiva geográfica e espacial. Este entendimento, por sua vez, é garantido a par-

tir da adoção de símbolos (vinculados diretamente às identidades das gangues, por exemplo) que se estabelecem na cidade fantástica e que, por sua vez, contribuem na formação de fronteiras que se modificam com o passar e desenrolar da trama. Verifica-se em um mapeamento fantástico, um exercício comum ao geógrafo: a materialização do território no espaço.

A partir do exposto, pode-se pensar que o que chamamos aqui de Cartografia Fantástica passa a englobar todas as esferas que compõe a realidade “conhecida” e transportá-la para o ambiente ficcional. Depreende-se daí a possibilidade de se pensar uma geografia (no sentido mais amplo do termo) do recorte fantástico estudado. Isso quer dizer que os aspectos não apenas territoriais podem ser analisados, mas também aspectos sociais, ecológicos, políticos, econômicos, entre outros. Abre-se uma vez mais a possibilidade de avaliar o mundo fantástico a partir de múltiplas perspectivas, complexificando a própria realidade fantástica em si.

Destaca-se aqui, uma vez mais, a relação direta entre o mapeamento ficcional desenvolvido e uma série de outros desdobramentos que se estabelecem na realidade conhecida. Como exemplo, cita-se que o mapa elaborado por Elliot Brown foi utilizado como base para diversas ações promocionais do filme “O Cavaleiro das Trevas Ressurge” estrelada por Christopher Nolan nos cinemas, conforme apresentado no artigo escrito por Stamp (2014).

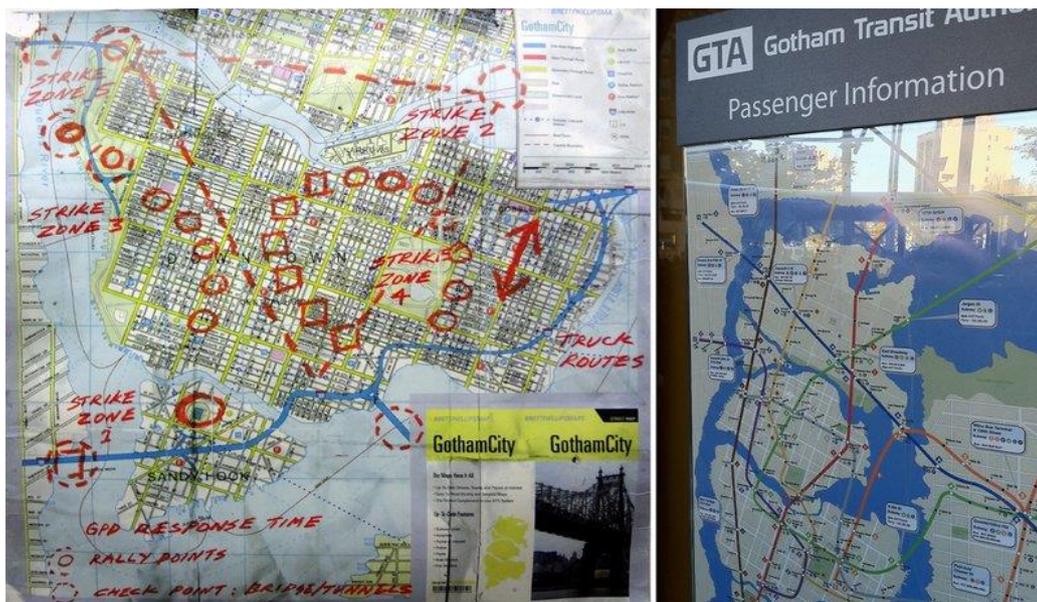


Figura 6: Representações de Gotham utilizadas nos materiais promocionais de “O Cavaleiro das Trevas ressurgue”

Nesta mesma reportagem, o responsável pela produção cartográfica de Gotham aponta como possível aspecto negativo do processo de elaboração de um mapa oficial de um universo fantástico, que alguns autores podem se sentir limitados pelas referências adotadas e impostas pelo surgimento de um mapa oficial. Isto, por sua vez, implicaria no engessamento da criação de novas histórias. Porém, deve-se salientar que o fantástico, por ser fantástico, permite a contínua (re)construção destes espaços, o que poderia contribuir na própria liberdade criativa por parte dos autores. Assim, a adoção de um mapa oficial não implica, obrigatoriamente, na ideia de imutabilidade do espaço. Pelo contrário, contribuí para a adoção de referenciais e para a construção de novas perspectivas e histórias.

Considerações finais

A partir dos apontamentos realizados, a cartografia fantástica deve ser compreendida como um grande desafio para o geógrafo devido ao próprio subjetivismo intrínseco na mesma. Entretanto, ela pode (e deve) ser explorada como um mecanismo de promoção do entendimento do cotidiano social por meio da exploração criativa.

O entendimento e a construção de novas realidades repousam na existência de uma única e, desta forma, reafirma-se o sentimento de que a ficção invade a realidade ao passo que a realidade é representada pela ficção. Desta maneira, a busca pela representação de espaços literários (de maneira geral) abre novas perspectivas sobre as representações de nossas próprias realidades. As relações dos espaços míticos e imaginados ganham contornos concretos a partir da representação mapeada.

Assim, entende-se que a cartografia fantástica pode repousar sob múltiplas áreas do conhecimento (indo além daquela exposta pela Geografia). A História, a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia podem se beneficiar dessa “nova” forma de perceber o mundo. Da mesma forma, pode-se pensar a cartografia fantástica como mecanismo do ensino geográfico, já que a mesma contribui integralmente para a percepção de como se estabelecem relações socioespaciais (ainda que residentes no imaginário), físicas e bióticas da(s) realidade(s) estudada(s).

Referências

- ARCHELA, Rosely Sampaio; GRATÃO, Lucia Helena B.; TROSTDORF, Maria A. S. O Lugar dos mapas mentais na representação do lugar. **Geografia (Londrina)**, Londrina (PR), v. 13, n. 1, jan.-jun. 2004. Disponível em: <www.uel.br/revistas/geografia/v13nieletronica/7.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2015.
- BROWN, Elliot R. DC Comics Gotham City Map Story. **Elliot R. Brown**. [S.l., entre 1998 e 2015]. Disponível em: <<http://www.eliotrbrown.com/wp/gotham-city-map.html>>. Acesso em: 22 dez. 2015.
- CALVINO. Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo (SP): Biblioteca Folha, 2003.
- CARVALHO, Edílson A. de; ARAÚJO, Paulo César de. **Leituras cartográficas e interpretações estatísticas II**. Natal (RN): UFRN, 2009.
- FERNANDES, José. Realidade e ficção - ficção e realidade. **UBE – Seção Goiás**, [s.l.], 13 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.ubebr.com.br/post/ensaio/realidade-e-ficcao-ficcao-e-realidade-por-jose-fernandes>>. Acesso em: 9 jan. 2016.
- LUCAS, Marco Antonio. Sobre noção de representação em filosofia e na pesquisa cognitiva em inteligência artificial. **Textos e Debates**, Boa Vista (RR), n. 1, p. 13-29. 1995. Disponível em: <<http://revista.ufrb.br/index.php/textosedebates/article/view/904/744>>. Acesso em: 28 dez. 2015.
- JÚNIOR, Otoniel F. da S. Por uma Geografia do Imaginário: percorrendo o labiríntico mundo do imaginário em uma perspectiva geográfica cultural. **Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário**, Porto Velho (RO), ano 1, n. 3, sem paginação, 2001. Disponível em: <<http://www.cei.unir.br/artigo31.html>>. Acesso em: 8 jan. 2016.
- MAKOWIECKY, Sandra. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis (SC), v. 4, n. 57, p. 1-25, dez. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/download/2181/4439>>. Acesso em: 26 mar. 2016.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Noções Básicas de Cartografia**. v. 1. Rio de Janeiro (RJ), 1999. (Manuais Técnicos em Geociências, 8). Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv8595_v1.pdf>. Acesso: 25 fev. 2016.
- STAMP, Jimmy. The cartographer who mapped out Gotham City. **Smithsonian.com**, [s.l.], 29 maio 2014. Disponível em: <<http://www.smithsonianmag.com/arts-culture/cartographer-gotham-city-180951594/?no-ist>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

Recebido em 2 jul. 2016.

Aceito em 7 fev. 2017.